

O PROBLEMA FORRAGEIRO DO NORDESTE

Agrônomo

ROCHA DE ALENCAR

Vários são os problemas que o poder público necessita resolver para que o nordeste possa criar sólida estrutura social-econômica. E dentre êstes, é forçoso salientar, um dos mais importantes e que exige com mais urgência uma criteriosa solução, é aquele que se refere à questão forrageira. É necessário encará-lo com coragem e firmeza para que fuja ao rol dos assuntos isoluveis, que tanto depõem contra o nosso homem e a nossa civilização.

Sem forragens que possuam certos caractéres especiais quanto à resistência e conservação e quanto ao valôr nutritivo e coeficiente de digestibilidade, é impossível o desenvolvimento de uma pecuária adiantada e lucrativa. Não dispondo dêste elemento básico, não é possível, mesmo em condições excepcionais, a exploração racional e econômica do gado em qualquer ambiente pastoril.

Região de terras nem sempre muito ferteis como é o nordeste, as forragens encontradas em seus campos são geralmente pobres de fósforo e cálcio, elementos responsaveis pelo desenvolvimento do animal. O fósforo é o princípio básico de fitina e com o cálcio entra na estrutura orgânica do animal, sendo como as proteínas e os hidrocarbonados, substâncias indispensaveis à alimentação.

A natureza e o valor nutritivo da forragem dependem do tipo e riqueza do solo, segundo afirma o Prof. Lecler no seu livro "La Ciencia de La Alimentación".

E as forragens de solo ácido, neutro ou alcalino, têm

composição diferente. No primeiro tipo de solo temos geralmente alimentos pobres em substâncias nutritivas. As melhores forragens são encontradas nos solos neutros (coeficiente pH7). Os prados secos ou ligeiramente úmidos, são os que produzem as melhores gramíneas e leguminosas, cujo feno é bastante flexível e de sabor altamente agradável.

Quando as forragens são cultivadas em solos ácidos, possuem fósforo, deixando de apresentar a indispensável quantidade de cálcio. Para melhorá-las, isto é, para que possam adquirir este princípio mineral, é necessário que o técnico adube o solo convenientemente, procurando restabelecer o equilíbrio entre os seus elementos nobres.

A falta de cálcio no organismo determina a osteomalacia nos animais, e ele é encontrado em pequeno teor em nossas forragens nativas. É preciso modificar, na medida do possível, as condições agrológicas de nossas terras, para que produzam forragens ricas e boas.

No nordeste as chuvas torrenciais periódicas têm contribuído muitíssimo para empobrecer o solo arável, arrastando a camada superficial mineralizante.

Nestas condições, em certas zonas, além da falta d'água e umidade, certas forragens ricas em sua composição centesimal não encontram ambiente para viver.

Como, então, resolver o problema forrageiro do nordeste? O roteiro já tem sido apontado. Deve ser feito o aproveitamento das espécies forrageiras nativas, após um estudo agrológico eficiente, capaz mesmo de firmar uma orientação segura e decisiva. Sem um critério científico, surgido do exame bromatológico e da apreciação da resistência das espécies disseminadas com o desordenamento natural da distribuição nativa, não se resolverá o empasse das forragens para o gado nordestino.

Há espécies sabidamente tóxicas para o gado ou tidas como tal, mas que são aceitas por ele e resistem bem às secas periódicas. Basta citarmos a *favela*, portadora de um latex muito cáustico, e que se torna boa forragem após a volatilização dos princípios tóxicos que encerra. O botânico Padre Torrend, em trabalho de grande mérito científico sobre plantas tóxicas

regionais, apreciou a resistência dos chamados *animais sal-seiros*, que se alimentam de salsa da práia, convulvulacea encontrada no leito dos rios resequidos do nordeste. É uma forragem que concentra princípios venenosos, mas que é aceita pelos animais cearenses, certamente por uma adaptação compulsória. O mesmo botânico indica a euforbiacea vulgarmente denominada *páu de breu* ou *cipó de leite*, muito resistente à seça e absolutamente inoperante quanto à toxidez de seu latex.

O Agrônomo Duque Catão, Chefe do Pôsto Agrícola de Queimadas, na Baía, diz ter experimentado a fenação de 37 espécies de forragens nativas, tendo obtido, segundo afirma, relativo êxito, em 16 destas, as quais foram enviadas aos laboratórios da Comissão de Serviços Complementares para o indispensavel exame bromatológico.

O referido técnico alude, igualmente, a especies que são periodicamente boas forragens, como as ramas da *aroeira* e do *angico*, que são tóxicas no inicio das primeiras águas, as *cactaceas* melhoradas com o chamuscamento dos espinhos, os *capins assú* e *amargosa*, regeitados quando verdes e excelentes depois de sêcos.

Além dessas, muitas outras forragens existem no nordeste. A *cassatinga*, o *baláio*, a *mariãna*, a *jitirana*, o *angiquinho*, o *capim*, e o *cipó de boi*, a *tiririca*, o *capim rabo de rapôsa*, a *arruda-brava*, o *capim pé de periquito*, e o *mimoso*, o *miroró de boi*, a *herva de preá*, o *capim favorito*, a *betonha*, e outras tantas espécies nativas, que podem ser aproveitadas convenientemente.

Há portanto, um grande manancial para o experimentalismo agrostológico na região das sêcas, alem do estudo que se deve sistematizar para adaptação de outras espécies exóticas das zonas tropicais ou mesmo aridas.

É praticavel e será rendosa a pecuária na região nordestina, uma vez que se procure estabelecer em todos os recantos aguadas, pastagens, regime de fenação ou silagem para o período das sêcas, além de um critério seguro para melhoria zootecnica dos rebanhos. Seria mesmo conveniente que, por enquanto, cuidassemos mais, segundo opina o Professor Renato Braga, diretor da Escola de Agronomia do Ceará, da me-

lhoría quantitativa do gado regional, e, posteriormente, da qualidade. Aumentados quantitativamente os rebanhos, procederemos a melhoria zootecnica de uma raça, que possa aliar à rusticidade necessária uma individualidade econômica de produção mista compensadora.

No nordeste do amanhã, solucionado o problema forrageiro, poderá ser estabelecida uma pecuária que permita a exploração industrial do leite, da carne e de matérias primas susceptíveis de industrialização.

A formação das pastagens deverá, assim, ser atacada na base de forragens suculentas, vitaminosas e mineralizantes, de valor nutritivo e coeficiente de digestibilidade comprovados em laboratórios. STEAD focaliza seriamente a suculencia e a vitamina A, argumentando que a sua ausencia poderá provocar afeções bronco-pulmonares, o raquitismo, a xeroftalmia e outras zoonozes.

Consoante ainda, informações do Agrônomo Duque Catão, das plantas exóticas cultivadas em canteiros, a título de experimentação, no Pôsto Agrícola de Queimadas, constatou-se mais luxuriante vegetação na ATRIPLEX NUMMALÁRIA (arbus-tiva) e ATRIPLEX SEMIBACCTA (rasteira). A primeira apresentou comportamento ótimo em todo o percurso do seu desenvolvimento. Admiravelmente viçosa enquanto toda a caatinga se estiola. Revelou-se assim, uma planta bastante resistente e sòmente comparavel ao Icoreiro. A segunda caracterizou-se pela regularidade do aspécto vegetativo, demonstrando comportamento excelente. Séca com a vegetação nativa e com ela começa a se renovar às primeiras chuvas do período hibernal. Apresentam estas forrageiras qualidades susceptíveis de uma integral aclimação nas regiões nordestinas, geralmente salinas e tipicamente xerofilas.

As *cactaceas* têm sofrido contestações quanto ao seu valor nutritivo, embora tenham digestibilidade suficiente para assegurar o título de bôa forragem. Sua digestibilidade aproxima-se daquela que oferece a silagem do milho e é superior a da Atriplex, também conhecida com o nome de Salt-Bush. Esta apresenta um coeficiente aquoso de 70 a 80 %, enquanto os *cactus* oscilam entre 80 a mais de 90 %, atingindo o de

espinho a composição de 91,3 % de água, o que significa ser uma forragem providencial para o nordeste, onde há escassez d'água para um suprimento normal aos animais. Acresce, porém, que esta única forragem não resolverá o problema alimentar do nordeste, uma vez que seu teor em proteínas é muito baixo (0,50 no cacto espinhoso) e o organismo animal exige uma relativa quantidade de substâncias azótadas para formação de carnes, etc.

Vemos então que a ração mista das *cactaceas* com qualquer outra forragem rica em princípios nitrogenados, seja gramínea, leguminosa ou mesmo outras em condições de fornecer azoto, será o regime forrageiro absoluto para o nordeste.

O que acabamos de analisar é suficiente para admitir que o problema forrageiro do nordeste tem solução racional. Resta apenas encará-lo com firmeza, sem vacilações. Depende do estudo objetivado da questão que das condições excepcionais da agrostologia regional.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — LOEFGREN, A. — Notas Botânicas (Ceará).
- 2 — LUETZELBURG, P. VON — Estudos Botânicos do Nordeste.
- 3 — CASTRO, J. LUIZ DE — Contribuição para o Dicionário da Flora do Nordeste Brasileiro.
- 4 — TRINDADE, J. AUGUSTO — Os Póstos Agrícolas da Inspetoria de Sêcas.
- 5 — KECT, D. N. — Plantas Forrageiras Resistentes à Sêca. (Tradução do Boletim "Insurance Against Drought").
- 6 — POMPEU, Tce. — Forrageiras do Ceará.
- 6 — POMPEU, Th. — Forrageiras do Ceará.
- 7 — ROCHA, DIAS DA — Botânica Agrícola.
- 8 — LECLER, DR. C. — La Ciencia da La Alimentacion.